



Blumenau em cadernos

TOMO XXVII

* Julho de 1986

* N.º 7

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

BUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.

PAUL FRITZ KUEHNRIK

CASAS BUERGER

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVII

Julho de 1986

N.º 7

SUMÁRIO

Página

Os primeiros anos de colonização de São Francisco do Sul — Antônio R. Nascimento	194
São Joaquim e seu centenário — Antônio Roberto Nascimento	196
Subsídios Históricos — Coordenação e revisão: Rosa Herkenhoff	197
Subsídios à Crônica de Blumenau — Frederico Kilian	199
Aconteceu . . . — Junho de 1986	200
SOLINGEN — República Federal da Alemanha doa livros para Escola Municipal — Alfredo Wilhelm	201
À memória do Dr. Fritz Müller — Hugo Gensch	202
Autores Catarinenses — Adair José de Aguiar	207
Inspiração jovem que exalta São Joaquim	209
São Miguel do Oeste — Maria Elizabeth Bresolin	210
BLUMENAU — Texto extraído do livro “Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana” de PAUL SINGER	220

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 20.000,00

Número avulso Cr\$ 2.000,00 -- Atrasado Cr\$ 3.000,00

Ass. p/o exterior Cr\$ 50.000,00 mais o porte Cr\$ 10.000,00 total Cr\$ 60.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Os primeiros anos de colonização de S. Francisco do Sul

Carta de uma comissão de moradores, dirigida ao Conde Vice-Rei

(Col. de Antônio R. Nascimento)

"Ilm.^o e Exm.^o Senhor Conde Vice-Rei deste Estado:

O respeitável officio de V. Ex.^a, datado de 22 de agosto do ano passado, nos foi entregue em 26 do corrente, por mão de um homem que desta foi a Ilha de Santa Catarina. No mesmo faz V. Ex.^a claramente conhecer o paternal amor que nos têm, prometendo-nos os seus auxilios e altas providências, a fim de nos fazer felizes e todo este povo, o que nos encheu de um geral contentamento, na certeza de que passaremos de nossas pobrezaas ao estado de nos vermos remediados. Esta Vila, Exm.^o Senhor, é fundada há cento e vinte e sete anos, e, desde então até o presente, os seus habitadores (sic) vivem pobríssimos, de sorte que ainda não faleceu nela pessoa que deixasse, em moeda, quatro mil cruzados. Os mantimentos e mais efeitos que os moradores plantam e fabricam são, uns anos por outros, vinte mil alqueires de farinha de guerra, alguns centos de cestas de imbé, uns poucos de milheiros de tainhas e paratis, conforme ocorrem os tempos na ocasião do Piraquê (?), e dez até doze pipas de aguardente de cana. Computado a por que se vendem estes efeitos, conforme permitem os anos, andará por seis contos e duzentos mil réis, todo o patrimônio, e, sendo que no tempo da plantação da mandioca haja muita neve (sic), mata a rama e não há planta, como succedeu ano passado; e,

por esse motivo, no futuro, nenhuma safra haverá: à vista do que verá V. Ex.^a quanta pobreza!

E tanto se mostra que a maior parte do Povo quase todo veste pano de algodão da Capitania do Espírito Santo. O geral dos moradores não têm escravos alguns, e, se não fossem os crioulos, poucos haveriam, por não haver dinheiro para comprar os de Guiné, que destes, de anos em anos, por acaso se compra algum. Os nacionais (crioulos escravos) são homens sem habilidade para manufaturas, estão aferrados à lavoura. Esta é, Exm.^o Senhor, a indigência em que todos vivemos nesta pobre vila, cobertos de necessidades sem poder respirar (?), por cuja causa, sendo os europeus e ilhéus, uma grande parte do povo que povoa esta América, neste Distrito poderão habitar de uns e outros, pelo mais vinte (?). E, se alguns chegam, logo se ausentam desanimados.

Os meios que descobrimos para nosso melhoramento, patrocinando-nos o socorro e poderosos auxilios de V. Ex.^a, são os seguintes: cem casais de ilhéus para povoarem os Rios de Cubatão Grande e Pequeno, Piraveraba (sic), São João, Rio das Pedras e Rio dos Cavalinhos, Palmital, parte das Três Barras e outros lugares sem moradores; sendo aliás, terras boas e de qualidade para darem todas as plantações. Nossa experiência tem mostrado que esses homens são muito trabalha-

dores e amigos de fabricarem linhos e algodões, e criarem gados, por isso nós esperamos o adiantamento, segundo observamos na Ilha de Santa Catarina. E, ao mesmo tempo, os nacionais e habitantes do País, ou levados ao interesse, ou ambição ou de em seguir em tudo, ou, ao menos em parte, os passos daqueles. Esses Ilhéus se pudessem vir da Ilha de Santa Catarina, sem que prejudicasse aquela praça, era melhor, não só por já saberem andar em canoas, como por estarem acostumados neste clima; e por que sempre trarão algum dinheiro para se alimentarem, enquanto não tiverem lavouras. Atuarem francas as Minas do Rio Itajai, termo desta Freguesia, as quais são uns poucos de dias de viagem pelo rio acima, donde algum tempo se tirou bastante ouro e de boa conta. E tanto o Rio Grande como o mais pequeno têm extensão para muito povo morar, donde também produz abundantes mantimentos, e na sua barra entram sumacas. E, ainda que o Rio com chuvas é muito caudaloso, o interesse tudo vencerá, ficando também francas todas as minas que puderem descobrir, criando V. Ex.^a, guardas-mores e seguir o ouro, ou guiado para essa Cidade, ou para a Função da Cidade São Paulo ou da forma que V. Ex.^a for servido ordenar.

Capitães para os Distritos, que tenham a si o cuidado em dar feixes de ramas de mandioca para plantarem os moradores, que nos seus territórios forem

preguiçosos, regalando-lhes estes e as mais lavouras a proporção de suas famílias. Estes oficiais, de dois em dois meses, serão obrigados a darem conta à Câmara de tudo o que tiverem obrado, etc. Castigar os rebeldes e preguiçosos, porquanto a maior parte dos "neófidos" (neófitos) são vadios e viciosos, e, desta forma, não terão remédio senão trabalhar.

As farinhas são a única lavoura de que estes miseráveis lavradores vendem algum dinheiro mais avultado para se alimentarem e suprirem suas necessidades, e, quando para esta não há pronta saída, e vendidos ao menos a trezentos e vinte alqueires, para nada lhes chega. Então nesse ano nada pagam aos poucos e pobres comerciantes, que ficam gemendo (sic) os seus atrasos, porquanto tudo se vende fiado, esperando o tempo da safra da farinha para pagarem. Embarcações de comércio próprias não têm nenhuma, e, por isso, quando chegam algumas todos se alegram. E, porque esta falta quase sempre acontece; rogamos humildemente a V. Ex.^a, se digne mandar que as embarcações que carregam farinhas para município das tropas do Rio Grande as venham comprar neste Porto, e, quando não as achem, então seguirão à Ilha, cujos moradores não padecem falta ou saída de seus efeitos, por ser Porto donde entram tantas embarcações. Resta-nos somente dizer a V. Ex.^a que todo este povo vive sossegado e tranqüilo debaixo do luzido e sábio Governo do nosso atual Go-

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

vernador, que, certamente, nos rege com muita paz e amor, e o mesmo nos administra o Doutor Ouvidor desta Comarca de Paranaguá, de ambos pedimos a V. Ex.^a, como amoroso Pai e Senhor as conservações.

Pedimos a Deus, Nosso Senhor, dilate a V. Ex.^a, por muitos anos, a sua preciosa vida e saúde para a Glória da Monarquia e feliz sossego e aumento deste Esta-

do, e cobertos de obediência e humildade ficamos esperando as Ordens de V. Ex.^a a cuja Exm.^a Pessoa o Senhor guarde muitos anos. Rio de São Francisco, em Câmara de 30 de abril de 1796. De V. Ex.^a beijam os pés os mais humildes súditos. M. Francisco Leite de Moraes, José da Silva de Andrade, João de Oliveira Falcão, José Antônio Nóbrega, Manoel Pereira da Costa.

São Joaquim e seu centenário

Antônio Roberto Nascimento

Em 1987, São Joaquim comemora seu centenário, uma vez que as autoridades locais se decidiram pela data da efetiva instalação da primeira Câmara e não pela data da lei que criou a então Vila (n.º 1.108, de 28.08.1886). A Câmara foi solenemente instalada aos 16.01.1887.

No intuito de colaborar com o povo joaquinoense, quando este festeja os cem anos de sua cidade, relacionamos algumas leis e resoluções que dizem respeito àquela Cidade do Planalto Serrano.

A Lei n.º 901, de 4.9.1911, autorizou o Poder Executivo a vender terras públicas, em S. Joaquim, para colonização, estabelecimento de lavouras, criação de animais etc., sendo que, para isso, o Executivo faria contrato com Lycurgus Burns, ao preço mínimo de dois mil réis o hectare.

A Lei n.º 919, de 22.9.1911, que se chamou de Organização Judiciária, considerou S. Joaquim comarca de 1.^a entrância (art. 467).

O Decreto n.º 801, de 9.6.1914, dividiu o "Ofício de Tabelião do Público Judicial e Notas e mais anexos da Comarca de S. Joaquim da Costa da Serra", com prazo de opção de noventa dias para o serventário titular, em dois: a) "Tabelião de notas, escrivão do crime, dos feitos da Fazenda, do júri e de execuções criminais e oficial do registro hipotecário"; e b) "Escrivão de órfãos, ausentes, provedoria de resíduos, bens de evento, civil e comércio".

O Decreto n.º 844, de 9.12.1914, prorrogou o prazo para os coletados pela Estação Fiscal de S. Joaquim, até 31.1.1915, pagarem, sem multa seus impostos, em virtude do "movimento armado e levado a efeito pelos fanáticos e bandoleiros na região serrana deste Estado", que "ocasionou o êxodo de quase toda a população, que foi obrigada a abandonar os seus haveres e emigrar para lugares afastados, obrigando também a diversas autoridades daquela zona, inclusive Coletores estaduais, a retirarem-se para não serem vítimas da fúria dos re-

voltosos ignorantes" (sic). Estendia-se também a Lages, Canoinhas, Curitiba e Campos Novos.

O Decreto n.º 847, de 31.12.1914, declara que os substitutos do Juiz de Direito de S. Joaquim seriam, pela ordem, os magistrados de Lages, de Tubarão e da Laguna.

A Resolução n.º 106, de 4.6.1914, nomeou José Caetano Pereira Machado "Delegado de Polícia de São Joaquim da Costa da Serra".

A Resolução n.º 131, de 25.6.1914, designou o terceiro escrivão Eduardo Pacheco d'Ávila "para exercer o cargo de coletor em S. Joaquim".

A Resolução n.º 146, de 10.07.1914, exonerou, a pedido, Hortênsio de Oliveira Goulart, do cargo de Chefe Escolar de São Joaquim da Costa da Serra.

A Resolução n.º 214, de 22.10.1914, nomeou Francisco Flerêncio Pereira "primeiro suplente do Delegado de Polícia de São Joaquim".

A Resolução n.º 251, de 27.11.1914, nomeou "o cidadão Polydoro Paulino dos Santos, para exercer vitaliciamente os ofícios de escrivão de órfãos e ausentes, provedoria, resíduos, bens de evento, cível e comércio da Comarca de S. Joaquim da Costa da Serra, em vista das provas exibidas em concurso".

A Resolução n.º 273, de 28.12.1914, nomeou "o cidadão Manoel de Bessa para o cargo de 2.º suplente do Delegado de Polícia do município de São Joaquim da Costa da Serra".

Ao ensejo de data tão festiva, oferecemos ao povo joaquinense esta rápida pesquisa, que, por pouco que se afigure, auxilia na feitura de sua História.

Subsídios Históricos

Coordenação e revisão: **Rosa Herkenhoff**

Pequena Contribuição para a Crônica da Colônia Dona Francisca (Continuação)

29. — J. GOTTLIEB STEIN, negociante varejista e proprietário de uma lancha transportadora de carga para São Francisco. Seu filho, Germano Stein, já falecido, foi o fundador da importante firma Germano Stein & Cia.

30. — AUGUST STOCK, o mais conhecido dos três açougueiros que se instalaram na primeira e segunda década após a fundação da Colônia, membro da administração municipal, durante muitos anos. Pai do chefe da firma Emilio Stock & Cia. e sogro de Gustavo Adolfo Richlin, falecido há alguns meses.

31. — L. H. SCHULZ, proprietário da primeira livraria em Joinville, conhecido pelo amor que dedicava às crianças das escolas, organizando piqueniques pelos arredores da Cidade. Pagava de seu bolso um professor de música, o qual, uma vez por semana, ensinava canções às crianças, para alegrar essas excursões.

32. — GEORG TRINKS, talvez o primeiro negociante de secos e molhados, fazendas, ferragens, etc. na então Colônia Dona Francisca. Avô de Eduardo Adolfo e Jorge Trinks.

33. — FRIEDRICH SCHLEMM, um dos primeiros negociantes de secos e molhados, fazendas, ferragens etc., avô dos médicos Alfredo Schlemm e João Schlemm.

34. — JOHANNES COLIN, estabelecido com negócio de secos e molhados, fazendas, ferragens etc. Avô do atual prefeito municipal, Dr. João Colin.

35. — AUGUST URBAN, estabelecido com charutaria, secos e molhados, fazendas, ferragens etc. Pai do industrial Augusto Urban e avô do deputado estadual Guilherme Urban.

36. — HEINRICH JORDAN, estabelecido com negócio de secos e molhados, fazendas, ferragens e ferro em barras. Pai do já falecido chefe da firma Henrique Jordan & Cia. e avô do deputado federal Hans Jordan.

37. — CARL MONICH, negociante de secos e molhados, fazendas, ferragens, etc., estabelecido a um quilômetro da Cidade no Caminho do Meio, hoje rua Quinze de Novembro. Pai de Harry Monich.

38. — GEORG HOELZEL, pastor protestante, o qual, com a sua bondade e a sua tolerância, venceu os maiores obstáculos, na dura missão que exerceu durante muitos anos, desde a primeira década da Colônia até falecer em idade avançada.

39. — ADOLF BECKMANN, proprietário do afamado Hotel Beckmann, conhecido pela sua varanda, na qual, com um copo de bem tratada cerveja, figuras proeminentes da Cidade costumavam discutir e criticar os acontecimentos e fazer política.

40. — HANS ALBERT RECKLEBEN, proeminente industrial do século passado, montou uma pequena fábrica de pregos à rua dos Lírios, hoje Otto Boehm. Devido ao insuportável barulho das máquinas, foi obrigado a adquirir um terreno à rua do Norte, hoje rua Dr. João Colin, edificando ali uma fábrica para produção em grande escala, tanto de pregos de todas as qualidades, como também de telas de arame. Mais ou menos 10 anos após, montou uma fábrica de pólvora no Saí. Ambas as fábricas floresciam, devido à boa qualidade do produto. Mas, certa noite, lá pelas 22 horas, a fábrica de pólvora foi pelos ares. Houve três ou quatro mortes. Um boato não confirmado dizia que as grandes fábricas inglesas de pólvora, em Pernambuco, não gostavam de sua concorrência. — Essa explosão acabou de um dia para outro com as atividades de Reckleben. A fábrica de pregos passou à firma A. Baptista & Oscar, o Reckleben desapareceu da vida joinvillense.

41. — CARL FRIEDRICH JOHN, primeiro tabelião do segundo tabelionato.

42. — GOTTLIEB DOEHLER, tecelão. Lutou, como todos os outros, com dificuldades incriveis, para fundar a importante firma Doehler & Cia. Pai de Alexandre Doehler.

43. — OTTO PFUTZENREUTER, funileiro, o primeiro que se dedicou ao trabalho em cobre, fabricando alambiques, etc.

44. — FRIEDRICH HUDLER, escultor, juiz de paz em diversos períodos, tradutor juramentado e proeminente membro da política local.

(Continua)

Subsídios à Crônica de Blumenau

A Sociedade de Cantores, masculina, "LIDERKRANZ"

Frederico Kilian

Pelo carnaval de 1909 um grupo de homens, amadores do canto, reuniu-se para fundar uma sociedade de cantos, à qual deram, na ocasião, o nome de "CLUB UNTER UNS" (Clube entre nós). Combinaram convidar mais alguns outros que gostassem de cantar, possuidores de boa voz, para formalizar a fundação em assembléia geral, que se realizou no salão da Confeitaria Katz, que funcionava num edifício de dois andares, até bem pouco existente, na esquina da rua XV de Novembro com a Alameda Rio Branco, e ultimamente ocupado pela mercearia CASA KIECKBUSCH, hoje demolido, servindo a área desocupada para estacionamento da Casa Flamingo. Esta assembléia realizou-se a 26 de maio de 1909. Secretariou a reunião o professor, poeta e tradutor Rodolfo Damm, que lavrou a respectiva ata da fundação tendo sido eleita nesta ocasião, a primeira diretoria, assim composta: Presidente: Ricardo Max Grothe; Secretário: Rodolfo Damm. O primeiro dirigente do coro foi o Sr. Carl Flesch. Já no dia 5 de junho de 1909 a novel sociedade realizou sua primeira festa social com a apresentação do coro masculino que deleitou a seleta assistência com várias canções e recitações. A segunda noite de concerto vocal realizou-se a 24 de novembro do mesmo ano. O interesse dos sócios e componentes do coro masculino na sua atividade e atuação, aquilata-se pelo fato de que dentro do primeiro ano de existência da sociedade, foram realizadas neste período, seis reuniões de sócios para tratar de assuntos sociais e 11 apresentações públicas do conjunto coral. Desta forma, a sociedade ia se desenvolvendo nos anos seguintes na maior harmonia e camaradagem entre os sócios.

No ano de 1916, no qual a sociedade, além de seu coro masculino, fundou também um coro feminino, (o qual, porém, teve pouca duração), passou a se chamar "LIDERKRANZ" (Círculo Coral), agremiação esta que mais tarde, quando da fundação da Sociedade Dramático-Musical "Carlos Gomes", integrou-se nesta, formando uma das seções desta sociedade cultural. Sobre a atuação desta sociedade de cantores e suas apresentações, na época de sua existência autônoma, relata, com farta referência às documentações existentes, a Sra. Edith Kormann, em seu livro que brevemente sairá do prelo, onde substancialmente e em trabalho de exaustivas pesquisas, faz um profundo estudo sobre a vida cultural dos blumenauenses no âmbito teatral e do canto orfeônico. Apenas merece ainda aqui consignar que a presidência da referida sociedade foi exercida, pela ordem, e, sucessivamente, pelos seguintes senhores: R. M. Grothe, Richard Meyer, Ludwig Reinhardt e Franz Becker. — Os dirigentes do coro foram os senhores Carl Flesch, Josef Schwartz, Josef Teichmann, Ernst Drawin, Kurt Boettner e por último o maestro Heinz Geyer, segundo relatório feito no fascículo da Liga Cultural e Recreativa do Vale do Itajaí, do ano de 1959.

Aconteceu...

Junho de 1985

— DIA 1.º — (JSC) — Prefeitura de Blumenau e Centro de Saúde assinaram convênios, passando a trabalhar juntos na fiscalização sanitária da cidade.

* *

— DIA 2 — Com um coquetel oferecido aos seus mais antigos associados e convidados especiais, a Sociedade Esportiva Caça e Tiro Itoupava Norte festejou a passagem dos 34 anos de sua fundação. O coquetel foi bastante concorrido.

* *

— DIA 11 — No Teatro Carlos Gomes foi aberta a exposição do artista plástico inglês Michael Chapman, com a mostra de dezoito telas apresentando como tema central a natureza e a vegetação do sul do Brasil.

* *

— DIA 10 — A 3.ª Exposição de Canários de Cor e Porte, aberta no pavilhão "A" da PROEB, alcançou pleno sucesso e encantou a todos os que lá compareceram. Participaram cerca de 30 criadores de várias regiões do Estado e Rio Grande do Sul, expondo 700 pássaros e colocados à venda 300.

* *

— DIA 14 — Com a presença de grande público, realizou-se a inauguração de quatro novas salas de aula e pátio coberto na Escola Básica Municipal "Prof.ª Alice Thiele", localizada à rua Araranguá, bairro Garcia. A solenidade foi presidida pelo prefeito Dalto dos Reis, o qual, entre outras palavras, disse que a obra teve como meta prioritária proporcionar as melhores condições de infra-estrutura para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

* *

— DIA 16 — Segundo relatório apresentado ao prefeito Dalto dos Reis, a Secretaria de Agricultura informou que, em maio, os feirantes do município comercializaram 151.390 quilos de frutas e verduras e 121.670 quilos de produtos coloniais.

* *

— DIA 17 — Em solenidade bastante concorrida, o prefeito Dalto dos Reis reinaugurou o prédio do Museu de Ecologia "Fritz Mueller", que se achava fechado desde dezembro de 1985 para reformas. A recuperação do prédio, pela prefeitura, foi completa, permitindo inclusive a maior dinamização da disposição das peças em exposição. O acontecimento repercutiu favoravelmente na comunidade blumenauense, já que o Museu "Fritz Mueller" manterá viva a memória de

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

seu patrono e servirá como fonte permanente de pesquisa às gerações atuais e futuras.

* *

— DIA 16 — Com a presença de grande número de pessoas convidadas, realizou-se, em Indaial, a expressiva solenidade de inauguração oficial da nova fábrica da Albany Internacional. O ato contou ainda com a presença do governador Esperidião Amin, diretores da administração central da empresa e representantes nas várias cidades brasileiras e da América do Sul. Após a solenidade e visita às novas instalações, os convidados foram recebidos na Sociedade Indaialense, e homenageados com um almoço.

* *

— DIA 19 — O prefeito Dalto dos Reis inaugurou às 18,00 horas, as instalações do Mercado Público Municipal de Blumenau, construído entre as ruas Alberto Stein, Humberto de Campos e Mariana Brunnemann, no bairro da Velha. O estabelecimento conta com 1.400 metros quadrados de área útil, 62 bancas para feirantes, 18 boxes para atacadistas, duas lanchonetes, açougues e floricultura. Trata-se de uma obra muito importante em favor da comunidade blumenauense.

SOLINGEN - República Federal da Alemanha doa livros para Escola Municipal

"Solingen, 20 de maio de 1986

"Exmo. Sr. Prefeito
Dr. Dalto dos Reis
"Prefeitura Municipal"
89100 Blumenau (SC)
BRASIL

Prezado Colega:

É com grande prazer que hoje posso comunicar-lhe uma remessa de livros, destinados à elaboração duma "Biblioteca Escolar" em idioma alemão, na cidade de Blumenau.

A nossa Biblioteca Municipal escolheu para o senhor, do seu acervo, ca. de 200 livros infanto-juvenis — obras de autores internacionais de grande atualização, e que foram traduzidas para o idioma alemão. Trata-se de contos para crianças na idade de 6 — 9 anos e para jovens de 10 — 12 anos, respectivamente de 13 — 15 anos.

Esperamos assim, que a cidade de Solingen possa contribuir com uma pequena colaboração para elaborar uma biblioteca escolar. É o nosso grande desejo, que estes livros sejam aceitos por muitos alunos e alunas do ensino da língua alemã.

No momento o sortimento destes livros está sendo preparado para ser remetido por "via marítima".

Com as nossas cordiais saudações e os nossos melhores votos para o senhor, à sua cidade e os munícipes de Blumenau,

Gerd Kaimer

Oberbürgermeister (Prefeito).
(Tradução do Alemão: Alfredo Wilhelm)

À MEMORIA DO DR. FRITZ MÜLLER

Autor: Dr. Hugo Gensch

(Tradução extraída do Cinquentenário de Blumenau — 1900).

Lembrar pessoas distintas que em grande ou pequeno estilo prestaram serviços à comunidade ou à humanidade é sempre uma obrigação. Em honra a estes e que os seus feitos sejam exemplos que devam ser seguidos.

Nos países autocraticamente dirigidos, o ponto culminante preconiza oferecer títulos, ou graus acadêmicos e os mais ricos e faustosos monumentos. Hoje quem visita como novato a nossa velha pátria européia pode admirar verdadeiras dinastias guerreiras e estadistas, como aqueles que o queriam ser esculpidos em pedra ou bronze, oferecendo seu semblante à admiração de milhares de olhares curiosos pelos séculos.

Países republicanos não costumam ser tão agradecidos. Estes se diz que agem propositalmente desta forma e que em muitos o ostracismo e o exílio são a única recompensa aos seus grandes concidadãos. A homenagem que prestam aos seus concidadãos consiste numa simples coroa verde que logo murcha caso se dispõem a usá-la.

Um presente barato. Mas o cidadão mais humilde também pode trançar esta coroa e colocá-la na cabeça daquele que a merece e desta singela homenagem se diz que é a mais honesta, honrosa do que aqueles adornos cintilantes usados comumente para dignificar a fama.

Macte virtute!

Que sejam estas palavras de-

dicadas ao falecido Dr. Fritz Müller, não só um ornamento oferecido por nossa pequena cidade, mas de todo o mundo científico ao grande sábio, ao bom homem, uma humilde folha nesta corca; assim o falecido não sentirá a falta do monumento cujo lugar ainda o aguarda.

Que uma curta biografia seja o esboço para um diálogo sob seus feitos e seu caráter estranho que talvez só encontre igual no também falecido há pouco tempo e colega de profissão, o botânico australiano Barão von Müller.

Fritz Müller nasceu a 31 de março de 1822, na casa paroquial de Windischolzhausen em Erfurt. Seu bisavô e avô foram pastores. Foi com seus pais aos 6 anos de idade para o pequeno povoado de Muehlberg.

Em 1835 ingressou no ginásio de Erfurt e viveu com seu avô materno, o conhecido químico Johannes Bartholomeus Tromsdorf. Por iniciativa do mesmo, como muitos colegas de profissão passara do estudo de farmacêutico para o estudo de química. Müller ingressou após cinco anos de ginásio numa farmácia em Naumburg an der Saale. Permaneceu na mesma somente um ano, pois a vida de vendeiro farmacêutico não o agradava. No ano de 1841, nós o encontramos na Universidade de Berlim para estudar ciências físicas e naturais como também matemática. Em 1842 foi durante dois semestres à Greifswald.

Em 1843, novamente em Berlim onde fascinado e influenciado pelo maior biólogo do século Johannes Müller, talvez tivesse pela primeira vez a idéia de dedicar-se ao estudo de biologia no exterior e a este estudo dedicar toda a sua vida.

Em 14 de dezembro de 1844 baseado em sua dissertação: "De hirudinibus circa Berolinum hucusque observatis" foi promovido à doutor pela Faculdade de Filosofia. Além de seu maior incentivador deve muito dos seus estudos aos zoólogos Lichtenstein e Erichson, ao Botânico Kunth de Berlim, como também Hornbusch de Greifswald. Após o término de seus estudos se submeteu aos exames de professor superior da Prússia. Resolveu no entanto voltar em 1845 mais uma vez à Greifswald para estudar medicina. Já era seu propósito tornar-se médico e mais tarde exercer a medicina num navio para assim ter a oportunidade de conhecer países estranhos e em particular visitar as regiões dos trópicos. Distintos colegas de classe com os quais mantivera relações de amizade foram seu irmão Hermann, os futuros famosos zoólogos Max Schulze e Oskar Schmidt, assim como mais tarde o famoso escritor de ciências Físicas e Naturais Anton Karsch e o futuro diretor do Ginásio Real de Berlim Franz Wenzlaff.

Durante algum tempo também brincou com a idéia de procurar na Prússia um lugar como Professor superior. Mas sua ho-

nestidade que nunca soube disfarçar fez com que abandonasse este propósito. Era contrário aos seus princípios de livre pensador, prestar o juramento como funcionário de Estado da Prússia com uma simples fórmula. "Que Deus esteja do meu lado, em nome de Jesus Cristo etc, etc..." Assim redigiu uma petição ao Ministério que o liberassem desta fórmula e o juramento com um simples aperto de mãos. A burocracia indeferiu esta solicitação. Aqui seja ressaltado para o conhecimento da atual geração de nossos jovens cientistas que apesar de Hückel, sem maiores subterfúgios, já revelou claramente ao acontecido, tecendo seus comentários a respeito, um jovem cientista alemão cujo necrólogo aqui, diz desconhecer os reais motivos da não contratação do mesmo, o que o governo fez foi "por motivos desconhecidos."

Assim Müller aceitou um cargo de professor domiciliar em Neuvorpommern. Ocupou o cargo até 1852, lá conheceu a sua futura esposa. O caos das reações políticas e religiosas fez com que a sua partida da pátria fosse menos penosa, pois nunca mais retornaria a ver.

A 19 de maio de 1852, o jovem doutor, em companhia de sua esposa e filha de apenas um ano de idade, partiam de Hamburgo. Chegaram em 19 de julho na costa brasileira. Veio para Blumenau em 22 de agosto do mesmo ano. No Garcia o recém-chegado abriu uma roça, construiu uma

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

choupana de palmito e viveu durante quatro anos em absoluta reclusão, dos quais anos mais tarde se referia com simpatia e resignação, classificando-os como os mais felizes de sua vida.

Em 1856, lhe foi oferecido um lugar como professor no Colégio em Desterro. Permaneceu no cargo durante 12 anos. Nesta época aconteceram suas mais perspicazes observações e a redação do livro que tornou-o conhecido no mundo científico e ao contato com Darwin. Quero dizer "para Darwin" que traz o estranho moto "Mullius in verba jurans aliorum inventa consarcinare hand institui". Um lema ao qual ficou praticamente fiel toda a sua vida. No ano de 1867 teve que deixar seu emprego porque ocorreu mais uma das muitas mudanças de partido político, em que a história da monarquia brasileira era tão rica. Pessoas do Governo levaram a considerar o sábio e pesquisador, cujos trabalhos de apoio do Darwinismo eram feitos por ele, o consideraram um inimigo e assim foi demitido. Regressou a Blumenau, onde passou a morar numa pequena propriedade que adquiriu. Ali viveu até pouco antes da sua morte, e continuou suas pesquisas.

Em 1870, foi nomeado "Naturalista Viajante do Museu Nacional" o que lhe dava uma pequena renda. No tempo da República esta pequena renda foi perdida ante a sua recusa de transferência para o Rio de Janeiro, por não poder ir e mesmo não aceitar a transferência. Este assunto tornou-se motivo de uma grande agitação. Ernst Häckel em seu necrológio dedicado a Fritz Müller ex-

pressa-se mais ou menos da seguinte forma:

Este procedimento indigno nos países de idioma português não é raro! Provocou uma indignação na pátria alemã que a redação da Revista Semanal Científica de Berlim publicou a todos que "honram o nome alemão e a ciência alemã" o seguinte apelo para o auxílio do Dr. Fritz Müller:

"O septuagenário, significativo cientista, respeitado também por Charles Darwin, colocou sua força de espírito e seu trabalho à disposição do governo Brasileiro por mais de 40 anos. Ocupando até junho o cargo de um "Naturalista Viajante do Museu do Rio de Janeiro" Dr. Müller enriqueceu consideravelmente o referido Museu com incalculáveis preciosidades. E agora depois que este cientista através de sua atividade obteve o maior reconhecimento nos círculos científicos de dois mundos, decreta o novo governo republicano que o idoso sábio abandone o lar e sua propriedade na qual tantos estudos fez que se tornaram propriedades de zoólogos e botânicos de todo mundo para se transferir para o Rio de Janeiro. Não terá apenas que mudar o lar como também deixar o Estado para se deslocar a outro, onde com uma mísera remuneração de 2 contos de Réis anuais viveria com dificuldades. Dr. Müller recusou esta intimação e o Governo como represália não só enviou a sua demissão imediata, como também suspendeu a remuneração ao idoso sábio que tão abnegadamente colocou-se à disposição da pesquisa científica, como também não lhe pagou qualquer indenização ou reservasse um di-

reito à pensão. Cremos que é mais uma manobra que visa atingir por obscuras manipulações o "estranho", o "alemão", ao qual o novo Governo rouba a possibilidade de subsistência!

Assim nós nos unimos à redação do "NATUR" em oferecer ao sábio alemão um adorno entre os nomes alemães para seus 70 anos (31 de março de 1892) um brinde que o afastará das preocupações da velhice. O que nosso povo tantas vezes fez para poetas e artistas, temos certeza que não negará a este sábio como gesto de gratidão, com que um grande povo homenageia-se a si próprio, sabendo que de sua raça surgiram homens de valor inestimáveis".

Este apelo foi publicado na Revista Semanal de Ciências Físicas e Naturais" em 25 de outubro de 1891 n.º 43. Em pouco tempo conseguiu significativa soma em dinheiro. Quando Fritz Müller soube do caso, recusou-se a receber com a mesma modéstia que lhe era peculiar. Até aqui Ernst Hæckel a quem tudo interessava, já estava falecido. Cinco anos mais tarde era enterrado no cemitério evangélico de Blumenau Fritz Müller. O procedimento do Governo Brasileiro não quero desculpar. Mas acusar diretamente a nação ou a forma injusta do Governo. O Brasil monarquista fechou ao ilustre homem a possibilidade de lecionar no ginásio, sem que a Alemanha científica se manifestasse em favor daquele que escreveu para "Darwin" e que

aos seus 70 anos era realmente tarde.

Em Fritz Müller todo mundo cultural pecou, quando ninguém foi encontrado para colocá-lo no lugar merecido. Com grande amargura humana preciso mencionar aqui que sua própria pátria que dispensa incalculáveis somas em orçamentos hostis à cultura não tentou recuperar um homem como Müller novamente para si e para o mundo científico alemão.

Um homem tão valoroso que em condições mais do que humildes celhia uma folha de louro após outra.

Nem tão pouco o Brasil monarquista ou republicano mostrara a ambição de criar-lhe um campo de atividades onde pudesse demonstrar o seu talento e conhecimento. Mas não era militar e foi hostilizado por não acreditar em Deus. Ernst Hæckel em algumas páginas mais adiante diz praticamente o mesmo.

Tanto mais é de lamentar que sua rara força tão cedo se perdeu para a pátria alemã. Pois é indiscutível que como professor e pesquisador teria prestado serviços mais relevantes aqui do que no Brasil podia fazer. Perdeu preciosos anos de pesquisa trabalhando como agricultor para garantir o pão de cada dia. As restritas possibilidades foram dificultadas pela enorme distância para contatos com uma vida espiritual mais elevada como também a literária e outros auxílios. Recentemente se referiram a todos os

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

homens patrióticos que pretendiam uma reforma radical em nossas condições políticas e sociais como "críticos mesquinhos" convidando-os a deixar o país. Nós somos de opinião contrária e desejamos de todo o coração que estes homens honestos e leais como Fritz Müller, permaneçam firmes sob as atuais condições bizantinas prestando serviços à pátria.

INTIA ILIUM ET EXTRA

O apreço e consideração que é prestado à sua pessoa, ninguém certamente negará ao morto. Era um homem que até o último momento conservou o caráter de uma criança que no bom sentido vive além da concepção do bem e do mal: Sempre prestativo para qualquer momento prestar seu auxílio ao mais humilde adepto da ciência. Não muito tempo antes de sua morte ensinava aos filhos de um amigo os estudos mais elementares, despretencioso ao extremo — nunca se ouviu de sua boca a mais leve alusão de ódio ou inveja — sua vida desde o primeiro dia ao último era um quadro escrito com traços simples e claros. Como jovem fiel aos seus princípios negando o juramento, assim como ancião, proibiu qualquer pompa por ocasião de sua morte e também a cerimônia religiosa do pastor. Um amigo ao qual estava ligado por uma amizade de longos anos proferiu, algumas palavras junto à sepultura e que foram tão simples quanto a sua vida.

O auxílio pecuniário ele o rejeitou não só de Hæckel como também do próprio Darwin. Mesmo após a grande enchente de 1880 quando uma ajuda teria sido sig-

nificativa para ele. Na última carta que dirigiu à Hæckel antes de sua morte ele escreve:

"De sua amável oferta de auxílio material eu em posição da necessidade aceitaria, mas espero que a minha pequena economia no Banco do Rio de Janeiro seja suficiente para afastar de mim a miséria."

Estas modestas palavras escreve um homem que durante toda a sua vida não pôde comprar um microscópio ou mesmo os últimos lançamentos de livros para seu estudo.

Mesmo comigo lamentou-se certa vez que não poderia terminar seu livro sobre as "Naturliche Pflanzenfamilien" Classe de plantas naturais) por não ter um microscópio e depois amargurado disse: "Na limitação é que revela-se o mestre". Seu sobrinho Dr. Alfredo Möller que aqui morou alguns anos e muito gostou de Blumenau, num relatório conta sobre as pobres instalações técnicas de seu quarto de estudo e que seu tio num rasgo de sarcasmo dissera. "As atuais instalações de laboratórios europeus estão em posição às de seus inquilinos". É realmente do pequeno quarto, suficientemente grande para comportar uma cama, mesa, cadeira e rústica estante, saíram imensidões de obras que enriqueceram o mundo científico. Nisto um professor de um laboratório decorado com uma infinidade de supérfluos e cercado por um exército de assistentes pode tomar exemplo.

Assim também a pequena casa escondida na floresta blumenauense sempre foi um lugar de atração para outros pesquisadores da natureza. Não contando a

enorme correspondência sobre questões naturalistas que recebia e enviava. Visitava-o por algum tempo seu irmão mais moço Wilhelm — hoje professor de Zoologia em Greifswald (1884-85). Durante 3 anos (1890/1893) passou com ele o pesquisador de fungos e cogumelos Dr. Alfredo Möller e Dr. F. W. Schimper. Também estudou com ele a vida e o comportamento das formigas o Sr. Dr. H. Schenk. Tão mesquinho como foram os governos de suas duas pátrias no que tange o reconhecimento a este homem tão mais generoso mostrou-se a República da Ciência.

Em 1868 recebeu o título de Dr. Honóris Causa da Faculdade de Filosofia de Bonn, juntamente com o príncipe real da Prússia o mais tarde Imperador Frederico III e o médico francês Dr. Louis Pasteur. A este exemplo seguiu também a Universidade de Tübingen e a Academia Leopoldina — Carolina. Ao completar 50 anos

de Doutorado foi agraciado com o título de Dr. Honóris Causa de Filosofia pela Universidade de Berlim. Aos 70 anos recebeu um precioso álbum com dedicatória carinhosa de quase todos os representantes ilustres da Ciência Naturalista Alemã, e da qual tinha muito orgulho.

Se estas palavras constituem em primeiro lugar uma homenagem a este homem extraordinário tão veemente expresso aqui desejo que entre a atual geração um ou outro encontre um estímulo e o incentivo em seguir o exemplo. Esta juventude que futuramente terá outros objetivos do que seus pais ou antepassados se lembrem sempre deste homem de cabelos grisalhos que em condições as mais humildes podem ser alcançados os maiores sucessos, a única recompensa dada a um homem.

Macté Virtute

ass: Dr. Hugo Gensch".

(Tradução Edith S. Eimer)

AUTORES CATARINENSES

Adair José de Aguiar

Presença de Enéas Athanázio

Enéas Athanázio é, hoje, sem dúvida, o mais renomado escritor de Santa Catarina. Suas obras percorrem o Brasil, sempre acolitadas por incontestáveis méritos, quer pela forma sintética e objetiva, quer pela inspiração e talento com que trata os assuntos.

Trabalhador austero e fecundo, não poupa a lima, é rígiroso no estilo e no conteúdo do que escreve, despertando o interesse e a confiança dos leitores.

Perlustra, com soberania, os caminhos do regionalismo, do conto, do ensaio, da história, da biografia, narrando e comentando com maestria homens e fatos. O celebrado intelectual pernambucano Joaquim Inojosa refere-se a Enéas Athanázio como sendo o pai do regionalismo em Santa Catarina.

Seguro e sereno, pesquisador e estudioso, o escritor catarinense está marcando época na literatura do seu estado. Seu nome e sua obra, já numerosa, ficarão como apanágio de esforço, inteligência e cultura.

Neste momento, termino a leitura de seus dois últimos livros que teve a fidalguia de presentear-me: "PRESENÇA DE INOJOSA" e "ERVA-MÃE".

São dois fascinantes trabalhos, o primeiro, tomando como ponto de partida o contato que teve com o escritor pernambucano Joaquim Inojosa e suas obras, faz um estudo sobre esse intelectual de Pernambuco e a sua ativa participação no alvorecer e afirmação do Modernismo no Brasil. Não lhe falece acuidade nos comentários nem lhe rareia exatidão na análise de personagens e obras que alicerçaram o movimento Modernista, dando-lhe os primeiros contornos ou dele proliferaram. Entre tantas referências a escritores catarinenses, revejo, com muitas saudades, o nome da antiga colega do tempo em que lecionávamos nos famosos cursos da CADES, Lausimar Laus.

Este livro de Enéas Athanázio é um trabalho bonito e agradável, de fácil leitura e de profundas convicções.

Na segunda obra, o autor cria e reúne dezesseis contos, derramando em todos eles os seus inegáveis dons de emérito contista. São lembranças do passado, meandro da existência, sonhos, amizades e apegos que lhe ficaram incrustados na alma e no coração. Um mundo maravilhoso e sentimental do homem, desde à meninice, à idade madura, dos bancos escolares, às primeiras lides da advocacia e do Ministério Público. Mas com um sabor agri-doce das coisas que não serão esquecidas. Consciente ou não ele se revelou um poeta cheio de natureza, de paisagens humanas, extravazando fé e amor aos humildes e à simplicidade. Está aí outro merecimento seu, o cheiro da terra, o odor do povo, o gosto dos costumes interioranos, o atavismo das tradições que, infelizmente, aos poucos, vão desaparecendo, não fossem a perspicácia e a dedicação de escritores como o catarinense Enéas Athanázio.

Que a sua pena privilegiada continue aviventando memórias, testemunhando valores que tendem a submergir na pátina do tempo e celebrando, com o empenho que lhe é característico, tudo aquilo que é dele e nosso também.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

Inspiração jovem que exalta São Joaquim

EU SOU

Conheci o Minuano de outras eras,
Pela boca dos avós.
Lutei contra o progresso,
Levando aos poucos minhas matas,
Mas, pouco adiantou...
Só me restava o consolo de ver o estalar das últimas pinhas, no
suspiro dos últimos pinheiros, e na minha última tropeada;
Antes que pesadas rodas pisassem em meu seio, esmagando a
lembrança do rangido da roda e o grito de : "ERA BOI".

QUEM NÃO ME CONHECE?

São poucos...
Mas, poucos também são os que sabem que dormi anos
Até que meus filhos me chamassem e gritassem, que
O Brasil colônia foi em 1500 e que em 1900 eu já era livre,
[linda e fértil.

Em 60 lancei sementes em meu ventre,
Que em meu solo fecundo germinaram...
Trazendo benefícios a mim e meus filhos e
Mais uma vez me preparei para outra peleia,
Onde estou andeja até agora,
Levando de Norte a Sul,
De Leste a Oeste, meus frutos.

VOCÊ JÁ ME CONHECE?

Eu sou a vó, cujos netos são dourados,
Que brilham mais que as Três Marias em noites de lua cheia
Eu sou aquela que quando meus campos se cobriam de gelo,
E o Minuano soprava forte, seco,
Mandava meus filhos "Serra abaixo", num desafio comparável
Ao grande Everest, pois meu pai é Tropical.

QUEM NÃO ME CONHECE?

Desde as mais remotas eras,
Sou espetáculo de grandes nevadas,

Desde 52 mostro meus frutos vermelhos e doces,
Sempre te recebi de braços abertos,
E o pouso nunca te faltou.

Sou o nó do Branco e do Colorado,
Pois fui trajeto Farrapo,
E nesta minha vida Caudilha

Meus filhos vão me seguir,
Nos meus 100 anos de luta
Estou firme e não caio.

Fazem 100 anos que de São Joaquim da Costa da Serra,
Chamei-me só de Santo.

LEMBROU-SE AMIGO?

Sou a Suíça Brasileira,
Capital da Macieira
Te recebo de braços abertos,
Pois sou buena e hospitaleira.

São Joaquim, 02 de julho de 1986.

Angelita Goulart Camargo

SÃO MIGUEL DO OESTE

Maria Elizabeth Bresolin

D. Alvar Nunes Cabeza de Vaca foi, certamente, o primeiro europeu que pisou em terras do hoje Município de São Miguel do Oeste (SC), fronteira com a Argentina. Dirigindo-se a Assunção, desembarcou ele na costa catariense, por volta de 1547, e, a partir do Rio Itapocu, tomou o milenar caminho indígena de migração transamericana, o PEABIRU, passando por Campo Erê, onde já encontrou uma nação indígena que criava "patos e galinhas à maneira da Espanha". O pato

(Anas moschata) é fácil explicar, pois é originário da América do Sul, sendo que, presumivelmente, foi domesticado pelos indígenas, a exemplo da cobaia peruana. Quanto às galinhas encontradas por Cabeza de Vaca, presume-se que tenham sido introduzidas pelos missionários jesuítas, que, dessa forma, teriam primazia sobre o expedicionário espanhol. Ocorre, porém, que hoje existe suspeita de que tenha havido uma raça pré-colombiana de galinhas, domesticada pelos índios arauca-

nos do Chile, ou por outros, o que afastaria a hipótese de terem sido introduzidas pelos jesuitas espanhóis.

Após Cabeza de Vaca, foi a vez dos jesuitas hispânicos pisarem o solo do hoje Município de São Miguel do Oeste, principalmente quando foram expulsos das Missões do Itatim pelos bandeirantes paulistas e obrigados a fazerem novas reduções guaraníticas em terras gaúchas (RS e Argentina).

Em seguida, foi a saga dos bandeirantes paulistas, que, percorrendo o Brasil de norte a sul, de leste a oeste, fizeram recuar, contra a Espanha, a linha de Torresilhas, alargando as fronteiras fáticas, de modo a que o Barão do Rio Branco pudesse consolidar a situação jurídica.

O mapa do Pe. Diego Torres, datado dos seiscentos, dá o nome de Ibituruna àquela região de extremo oeste, revelando um perfeito conhecimento topográfico. Assim é que o atual Rio das Antas, que desemboca no Rio Uruguai, chamava-se então Rio Atony.

Um testemunho eloquente dessa primitiva ocupação do solo é um trecho da defesa do Paraná, quando da questão de limites com Santa Catarina, valendo-se de informações do Barão do Rio Branco:

“Um antigo roteiro paulista, conservado até hoje e citado por Varnhagen, Visconde do Porto Seguro, fala no morro ou Serra de Bituruna, que vai afocinhar no Uruguai e no campo que ali se estende. Varnhagen diz que esse roteiro é prova evidente de que os antigos paulistas conheceram a região modernamente chamada Campo de Palmas, mas essa pro-

va não é a única. Ibituruna era, com efeito, o nome dado no século XVII à região entre o Uruguai e o Iguazu e os Montes de Bituruna do roteiro paulista não podiam ser senão os da divisória das águas que correm para aqueles dois rios. Os comissários portugueses e espanhóis, no século passado, e os brasileiros da Comissão Mista, nomeada em virtude do Tratado de 1885, encontraram vários pontos do território em litígio sinais evidentes da dominação brasileira do XVII século (morteiro, pilões velhos etc.). Perto das cabeceiras do Rio Saudade, afluente ocidental do Chapecó e na longitude da foz desse rio, encontram-se ainda hoje, no Campo Erê, os chamados muros, que evidentemente são restos de fortificação antiga. No alto de uma colina, vê-se aí um cone truncado, cuja parte superior é formada por uma plataforma de 36 metros de diâmetro e cujo talude apresenta 3 metros de altura. O primeiro comissário brasileiro explorou pessoalmente o lugar em 1887 e mandou fazer escavações vizinhas, verificando que, em torno dessa posição, tinha havido um entrincheiramento formado por uma dupla estacada circular revestida de terra (Muros de Campo Erê, hoje em Santa Catarina). Assim, pois, além do forte do Pepiri, a que os jesuitas chamavam a princípio Apiteribi, tiveram os paulistas outro acampamento entrincheirado nesse território. Os índios do Brasil, do Paraguai e do Rio da Prata não faziam construções de terra ou de pedra”.

Muitos foram os bandeirantes que por lá passaram. Destaca-se o nome do Capitão Antônio Luiz Tigre, que Ermelino de Leão-

identificou como Antônio Luiz Lamim, por ser de descoberta mais recente e porque morreu em Curitiba (PR), sem deixar filhos.

Em 1819, a expedição de 60 homens comandada pelo Capitão de Milícias Antônio da Rocha Loures, subcomandadas por Athanagildo Pinto Martins fez o caminho Palmas (PR) — São Borja (RS), via Campos Novos-Barracão. Retornando, agora sob o comando de Athanagildo, dividiu-se a tropa em Pinheiro Machado (SC). Essa subdivisão comandada por Carlos Neves e guiada pelo índio João Gongue seguiu ao norte do caminho já conhecido e foi inteiramente trucidada pelos índios em Passo do Goioen, Chapecó (SC).

Depois dos bandeirantes paulistas, tem-se a ocupação daquele território pelos fazendeiros dos Campos de Palmas, numa sucessão de fatos que assim foram descritos pelo Paraná, na já famosa questão de limites com Santa Catarina:

“Estavam ali a vila e paróquia de Palmas, a povoação e paróquia de Boa Vista e outros núcleos de população menos importantes, além de numerosas fazendas. Os habitantes eram e são, em sua quase totalidade, brasileiros. Desde 1836 e 1838 ocupavam permanentemente o Campo de Palmas. As expedições de que tratava então o Presidente de São Paulo (Rafael Tobias de Aguiar), dirigidas pelo Major da Guarda Nacional Joaquim José Pinto Bandeira e por Manoel de Almeida Leiria em 1838, já tinha sido precedidas por três outras, a saber: uma que partiu de Palmeiras em 1836, sob a direção do Padre Ponciano José de Araújo, vigário des-

sa freguesia, e de José Joaquim de Almeida, depois coronel da guarda nacional, e duas que saíram de Guarapuava, tendo por chefes José Ferreira dos Santos e Pedro de Siqueira Cortes. Em 1840, foi destacada para o Campo de Palmas uma companhia de municipais permanentes, sob o comando do Capitão Hermógenes Carneiro Lobo, companhia essa criada pela Lei de 16 de março de 1837 da Assembléia Legislativa Provincial de S. Paulo, para o fim especial da ocupação do Campo de Palmas, e, estando o pessoal das diferentes expedições em azeda disputa sobre a partilha das terras, foram eleitos árbitros para resolver a dificuldade o advogado José da Silva Carrão, depois Ministro de Estado e Senador do Império e o Major Pinto Bandeira. No dia 4 de abril, partiam eles de Curitiba e chegavam ao Campo de Palmas a 28 de maio, demorando-se ali até agosto. No mesmo ano de 1840, o Comandante Carneiro Lobo fundava à margem do regato Cachoeira a povoação chamada CAPELA DE PALMAS. A ocupação do Campo Erê em 1840, enquanto os árbitros Carrão e Pinto Bandeira faziam a partilha de terras, consta da Notícia impressa pelo Instituto Histórico e Geográfico do Brasil em 1851. Em 1840, estabeleceram-se no Campo de Palmas trinta e sete fazendas, que, em 1850, já tinham aproximadamente 36.000 cabeças de gado. Nesse ano de 1850, o Campo Erê contava cinco fazendas. As terras possuídas pelos fazendeiros desse lugar foram registradas na Coletoria de Palmas em 1855 e 1856. Em 1842, o Capitão Pedro de Siqueira Cortes, novo comandante do des-

tacamento de municipais permanentes, começou a abrir uma estrada para os campos de Curitiba, e os fazendeiros uma outra para Palmeira, e, em 1846, um terceiro caminho, mais curto, passando pelo Porto União, no Iguazu. Em 1845, por ordem do presidente de S. Paulo, General Manoel da Fonseca Lima, depois Barão de Surui, se deu começo à abertura da comunicação com o Rio Grande do Sul, pelo passo do Goioen e por Nonoai. O General Caxias, então Presidente do Rio Grande do Sul, animou e auxiliou esses trabalhos. A Lei n.º 14, de 21.3.1849, da Assembléia Legislativa Provincial de S. Paulo, elevando à vila a antiga freguesia de Guarapuava, determinou que Palmas fizesse parte do novo município. A lei de 29 de agosto de 1853, da Assembléia Geral Legislativa do Império, destacou da Província de S. Paulo a comarca de Curitiba, erigindo-a em província com o nome de Paraná.”

São dessa época que procedem os primeiros títulos dominicais das terras que hoje compõem os municípios de Chapecó e S. Miguel do Oeste (SC). Assim, por exemplo, temos o registro de n.º 83, lavrado aos 26.9.1892, no livro n.º 3 do Registro Imobiliário de Palmas (PR), a fls. 19, onde figura como adquirente Vicente Ferreira Bello e transmitentes Domingos Antônio Soares e sua mulher Maria Lourença de Araújo, de “uma parte de campos e matos além do rio Chapecozinho, neste Município, que houveram por herança de seu finado sogro e pai o Capitão Francisco Antônio de Araújo, em comum entre mais herdeiros”, conforme escritura lavrada pelo tabelião José Alexan-

dre Vieira aos 29.12.1880. Esse imóvel, o Chapecozinho, também foi herdado por Domingos Ferreira de Araújo, residente em Palmas, que também o vendeu a Vicente Ferreira Bello, lá também morador. Jesuíno de Siqueira Cortes e sua mulher Francisca Ferreira de Araújo herdaram o imóvel Chapecó, revendendo-o igualmente a Vicente Ferreira Bello (registro n.º 82, de 26.9.1892). O imóvel denominado Barra Grande, composto de “uma posse de terras de matos e faxinais, compreendendo benfeitorias, situadas no distrito de São Sebastião do Passo do Carneiro, freguesia do Senhor Bom Jesus de Palmas”, foi vendido por José Joaquim de Moraes, morador no distrito de São Sebastião do Passo do Carneiro, ao paulista Luiz Vicente de Souza Queiroz, conforme registro n.º 94, de 15.12.1892. Aos 15.12.1892, o mesmo Luiz Vicente de Souza Queiroz, Barão de Limeira (registro n.º 93, fls. 21 e 22), adquiriu de João Pedro Fortes e de sua mulher, residentes em Nonoai (RS), de Maria Rita Fortes, Maria Joaquina Fortes, Salvador Leite de Oliveira e de sua mulher, de Joaquim Eduardo Fortes e de sua mulher, de Francisco Pedro Fortes e de sua Mulher, de Marcelliano Rodrigues Fortes e de sua mulher, de Francisco Pedro da Silva e de sua mulher, estes residentes no Distrito de São Sebastião do Passo do Carneiro, e de Bernardo Cardoso Fortes e de sua mulher, moradores em Passo Fundo (RS), o imóvel denominado Campina do Gregório, constituído de “diversas partes de terras de campos, matos, faxinais e terras de cultura e pastagem com casas, mangueiras, acessórios e mais

benfeitorias compreendidas no registro denominado Campina do Gregório, efetuado por José Raymundo Fortes, situadas do Distrito Policial do Passo do Carneiro desta Comarca de Palmas”, conforme escritura de 10.12.1892. Esse mesmo José Raymundo Fortes e sua mulher Anna Maria de Jesus, moradores no Passo dos Índios, venderam a José Leite de Menezes, residente no Passo do Carneiro, os imóveis denominados “Carneiro” e “Ferreira”, conforme escritura particular de 29.1.1877, por “duzentos mil réis”, registrada sob o n.º 252, a fls. 52-verso, do livro n.º 3, aos 23.7.1903. Descrevia-se assim a propriedade: “Principiando pelo lajeado da Rondinha, em frente onde reside já o comprador e que é hoje conhecido por arroio do Carneiro, por ele acima até encontrar a barra de uma vertente que vem de um banhado logo abaixo do Engenho Velho, pertencente a M. F. Bello, até sua cabeceira e dali a rumo direito a procurar a antiga estrada que do Engenho Velho segue para a Chalana, por esta adiante até uma lagoa seca que fica na encruzilhada da estrada em que mora Manoel Antônio Forquim, e desta lagoa a procurar um banhado, cabeceira de uma vertente, pela qual segue até o lajeado conhecido por Espaventado, e por este abaixo até encontrar o mencionado lajeado da Rondinha e conhecido também pelo do Carneiro onde principiou a divisa, cujos terrenos são de cultura e hervaís e pastagens.”

A efetiva ocupação daquelas terras começou, pois, a partir dos Campos de Palmas, mas, certamente, nem todas as terras estavam tituladas, pois, como nos informam as professoras Jussara Silvestrin e Sirlei S. Dalmagro, na primeira monografia sobre S. Miguel do Oeste, datada de janeiro de 1977:

“Em 1940, a firma Barth, Bennett & Cia. Ltda., por seu diretor Alberto Dalcanalle adquiriu do Patrimônio da União, conforme escritura lavrada a 14 de novembro, pelo tabelião João B. Ribeiro, devidamente transcrita na Comarca de Chapecó sob o n.º 5.557, “uma área de terras de cultura e matos, situada na primeira Gleba, denominada Pepery-Chapecó”, com 4.840 hectares. A 18 do mesmo mês e ano, por escritura pública lavrada em Curitiba, por Claro Américo Guimarães, e transcrita do registro de imóveis de Chapecó sob o n.º 5.610, em data de 2.1.1941, a sociedade, por seu diretor, adquiriu da firma Brazil Development and Colonization Company, proprietária da área de 273.703,5472 hectares, a Gleba Pepery-Chapecó, conforme transcrição n.º 432, de 15.6.1924, mais “uma parte de terras” com 13.382,6 hectares.

Em 03.1.1941, por escrituras públicas lavradas em Chapecó por Ary Carvalho Porto, o diretor Alberto Dalcanalle voltou a adquirir da Brazil Development and Colonization Company uma área de terras com 2.000 ha, conforme transcrição n.º 5.611 e outra com 7.680 ha, pela transcrição n.º

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil Blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

5612 da Comarca de Chapecó." (ob. cit., págs. 2 e 3).

Explica-se essa dualidade de registros pela questão de limites entre o Paraná e Santa Catarina. Logo após o encerramento do pleito, o Governo de Santa Catarina publicou a Lei n.º 1.181, de 4 de outubro de 1917, obrigando os possuidores de títulos expedidos pelo Paraná a registrarem-nos na Diretoria de Terras. Complementando o assunto, a Lei n.º 1.235, de 1.º.11.1918 (art. 6.º), obrigou também os proprietários com títulos expedidos pelo Império e pela União.

A Coluna Prestes passou por São Miguel do Oeste em 1925. Segundo João Alberto Lins e Barros (Memórias de um Revolucionário, págs. 73 a 75), "a picada até Barracão, vilarejo de Santa Catarina (hoje Dionísio Cerqueira), tornava-se cada vez pior. Era apenas caminho de cargueiros pouco transitados, no meio da floresta virgem." Pelas informações do Tenente-Coronel Oswaldo Cordeiro de Farias, estima-se que a Coluna Prestes tenha estado em São Miguel do Oeste entre 02 e 07 de fevereiro de 1925. Já existia Porto Feliz, hoje Mondai (SC), de onde partiram, encontrando os seguintes topônimos: Rio Verá, Queimada, Derrubada, Rio das Flores, etc.

Em maio de 1929, o Governador Adolfo Konder passou por São Miguel do Oeste, na histórica expedição de que resultou o relato de José Artur Boiteux. Na véspera da passagem, 03.05.1929, o governador recebeu alguns pratos de comida da mulher alemã de um ervateiro que tinha 18 filhos, o que demonstra uma intensa ocupação demográfica.

O Pe. Aurélio Canzi esteve em terras de hoje São Miguel do Oeste em 1940, quando o local se chamava Pouso da Limeira, chegando a saborear algumas limas que lá encontrou (A Voz da Fronteira, edição de 21.10.1962).

Em 1939, Alberto Dalcanaile e Gaston L. Benetti foram de automóvel de Porto Feliz (hoje Mondai) até "Polacos", hoje Município de Descanso, evidenciando, assim, que as estradas melhoravam à medida em que aumentava a densidade demográfica. Aliás, desde 1929, data da visita do Governador Adolfo Konder, a região já era atravessada por linhas telegráficas. Já em 1940, Gaston Luiz Benetti, um dos fundadores de São Miguel do Oeste, idealizara uma estrada internacional de Vila Oeste a Encarnación, Argentina, para mais fácil vazão do corte de madeira da região.

Em agosto de 1949, alguns moradores de Vila Oeste, então Distrito de Mondai, resolveram criar a Sociedade Amigos de Vila Oeste — SAVA —, que alcançaria a criação do distrito (Lei Municipal n.º 25-A, de 21.12.49). Foram seus fundadores: João Batista Zeca, João Batista Machado Vieira, Olavo Erig, Pe. Aurélio Canzi, Romeu Granzotto, Olímpio Dal Magro, Dr. Francisco de Assis Maineri, Henrique Jacob Lohmann, Pedro Malmann, Theobaldo Dreyer, Maximo Rigodanso, Procópio Rodrigues da Silva, Moysés Machado Vieira, Guerino Luzzi, Waldemar Rangrab, Luiz Abelardo Daniel. Foi São Miguel do Oeste o 15.º Distrito de Chapecó, com território desmembrado de Mondai, sendo primeiro Intendente-Exator João Batista Ma-

chado Vieira, sucedido, em 1950, por Generoso Rodrigues de Moraes, que, a sua vez, foi substituído por Avelino de Bona, nomeado, aos 02.2.1951, pelo então Prefeito Dr. José Miranda Ramos.

A Lei nº 133, de 30.12.53, que aprovou a Resolução n.º 10 da Câmara Municipal de Chapecó, então presidida por Serafim Encs Bertaso, foi o corolário do movimento emancipalista, que teve em Leopoldo Olavo Erig, comerciante e vereador do PSP, coadjuvado pela referida Sociedade, seu baluarte.

Aos 12.7.1950, a posse do Exator-Intendente João Batista Machado Vieira, nomeado pelo Prefeito Vicente Cunha de Chapecó, foi assistida pelo então Vice-Presidente da República Nereu Ramos. Para que o avião pousasse foi construído o primeiro campo de aviação, no local onde hoje se fazem as exposições da FAISMO. O Dr. Nereu Ramos foi acompanhado até a Vila por cavaleiros da Sociedade Amigos de Vila Oeste.

Aos 27.12.1958, pela Lei n.º 948, criou-se a Comarca de São Miguel do Oeste, compreendendo mais os termos de Descanso, São José do Cedro e Dionísio Cerqueira. A instalação deu-se aos 28.5.59, sendo primeiro Juiz o Dr. Rafael Ribeiro Pinto.

A Freguesia de São Miguel do Oeste foi criada aos 30.4.1950, em cerimônia presidida pelo Rev. Bispo de Palmas D. Carlos Eduardo de Sabóia Bandeira de Mello O.F.M. Antes disso, em 1943, quando Vila Oeste já possuía cerca de 300 pessoas, a empresa Barth, Benetti & Cia. Ltda. construiu uma pequena igreja, a Capela de São Miguel Arcanjo, que era

atendida pelo Pe. Teodoro de Itapiranga (SC). A escolha do padroeiro se deve aos votos dos madeireiros, pois, nas proximidades das festas do arcanjo, chovia bastante e, com o volume das águas, a madeira cortada podia descer pelo Rui Uruguai em grandes balsas pilotadas por eles, desviando-se dos saltos, corredeiras e obstáculos do curso normal.

A Rádio Colméia começou a funcionar em 1.º.2.1959, tendo o prefixo ZYT-40 (Any Antônio Chitto, A Voz da Fronteira n.º 29, de 5.4.59). Em 1962, o Dr. Juiz de Direito denunciou-a por estar transmitindo em língua alemã, fazendo com que o Ministro da Justiça a suspendesse por 72 horas. Hoje se tem a Rádio Peperi.

A Lei n.º 10, de 20.8.1956, criou o Colégio Peperi, que teve no Dr. Antônio Carlos Konder Reis um dos grandes incentivadores e se tornou um marco no ensino de São Miguel do Oeste.

Um pequeno estudo etnográfico, revelou-nos que os "migueloestinos" descendem de italianos (45%), alemães (39%) e outros, com predominância de poloneses (6%). A média de filhos na zona rural é de 6,98 por casal e, no meio urbano, de 3,78.

A posição astronômica do centro da cidade é indicada por 26º 43' 32" de latitude sul e 53º 31' 06" de longitude oeste. Sua altitude é de 720m, ocupando o 54.º lugar em ordem crescente no Estado de Santa Catarina. Dista 500 km em linha reta de Florianópolis e 800 km por estrada de rodagem da mesma Capital de Santa Catarina. A temperatura máxima é de 36º C, a média de 25º C, e a mínima de 0º C, sendo o cli-

ma temperado, não apresentando variações irregulares.

Possui cinco distritos: São Miguel do Oeste, Bandeirante, Paraíso, Barra Bonita e Grápia.

Os solos do município tiveram origem no derrame de lava vulcânica, série S. Bento, período Triásico da era Mesozóica, assemelhando-se aos do oeste dos Estados do Paraná e de São Paulo, que continua por parte do RS e da Argentina. O perfil do solo é constituído geralmente por uma camada de solo argiloso vermelho, com profundidades variáveis, que cobrem uma rocha basáltica diabásica, que aflora a superfície em alguns pontos. 50% do terreno é fortemente dobrado, apresentando declives de 20 a 45°, em solo ácido, com pH médio de 4,8, com bons teores de matéria orgânica, médios de fósforo e médios de potássio, sendo comum o afloramento de rochas.

A região já se encontra seriamente desmatada, contrastando com a reserva florestal argentina que se situa do outro lado da fronteira.

Nas proximidades, em Itapiranga (SC), foi encontrado um grande cemitério indígena, repleto de urnas e vasos funerários, mas que já se encontra destruído pelos novos moradores.

Em 1950, tinha 7.362 habitantes; em 1958, 16.000; em 1970, 22.255; e, em 1980, 37.021, apresentando uma densidade demográfica de 38,36 habitantes por km², sendo que mais de 60% da população se constitui de menores de 20 anos. A maioria veio do Rio Grande do Sul, sendo também de região católica.

O esteio da agricultura está na soja, milho, feijão, arroz, fu-

mo e trigo, sendo que o rebanho porcino é comparativamente volumoso, apresentando três animais por habitante.

Em 1.º.4.1974, realizou-se a primeira FAISMO — Feira Agroindustrial de São Miguel do Oeste, que tem sido repetida anualmente com grande sucesso.

O Banco do Brasil S.A. teve sua agência inaugurada aos 13 de janeiro de 1965, sendo primeiro gerente o Sr. Orlando Vieira.

Há três hospitais, com capacidade para mais de 200 leitos, nove farmácias, além de um Centro de Saúde fundado em 1955.

Prefeitos, entre os eleitos e os nomeados, antes que o município deixasse de ser área de segurança nacional por se encontrar em faixa de fronteira, foram os seguintes: Olímpio Dalmagro, Avelino de Bona, Pedro Waldemar Rangrab, Leolino João Baldissera, Alexandre Castelli, Nilton Castanheira, Ernesto Ciehl, Hélio Wasun, Oswaldo Gruger e Ademar Quadros Mariani.

O hino de São Miguel do Oeste tem letra de Jarcy Antônio de Martini e música de Domingos Giroto.

O E. C. Guarani, agremiação futebolística de razoável estádio já participou do campeonato estadual da primeira divisão de profissionais de Santa Catarina.

Além de inúmeros outros, conta a cidade com o Hotel San Willa's, de moderna arquitetura e dotado de todas as comodidades.

O Sr. Alberto Dalcanalle, um dos fundadores da cidade, nasceu em Caxias do Sul (RS) e morreu em Joinville (SC), por volta de 1980, deixando filha única que mora em Piracicaba (SP). Teve

vida aventureira e digna de biografia à parte.

O primeiro jornal foi a Tribuna do Oeste, fundado por Heitor Angeli e dirigido por Avelino de Bona, começando a circular aos 29.8.1954. Em abril de 1955, começou a circular "O clarim", semanário de quatro páginas, dirigido pelo Dr. João da Cunha Lopes e Moisés Machado. A Tribuna do Oeste surgiu à mesma época e manteve com o Clarim acirrada polémica. A Voz da Fronteira foi o terceiro jornal e seu primeiro número foi impresso aos 14.9.1958 (fundado por Alexandre Tiezirini). A Folha do Peperi surgiu aos 10.11.1971, dirigida por Aodomar M. Becker.

A empresa Barth, Benetti & Cia. Ltda., que adquiriu as terras de Brazil Development & Colonization Company, passou a denominar-se Barth, Annoni & Cia. Ltda., aos 20.11.1944, e Colonização e Madeiras Oeste Ltda., aos 25.1.1950 (reg. im. de n.º 5.611, fls. 203, livro n.º 3/C, da Comarca de Chapecó, sendo a transcrição anterior de n.º 432). No registro n.º 5.557, de 26.11.1940 (livro n.º 3/C, fls. 198), o transmitente da área à sociedade colonizadora foi o Patrimônio da União. O registro de n.º 432, de 16.6.1924, tem como transmitente do imóvel o Estado de Santa Catarina, representado por seu Governador o Dr. Hercílio Pedro da Luz e pelo Secretário da Agricultura Joe Luiz Martins Collaço, e como adquirente a Brazil Deve-

lopment & Colonization Company (área de 273.703 hectares, entre os rios Peperi-guaçu, Antas e Chapecó, fazendo frente com o Rio Uruguai. Conforme averbação em tal registro imobiliário, Nicolau Bley Neto e José Luiz Maia adquiriram 223.286 hectares, "com o consentimento da Cia. Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande e Brazil Development & Colonization Company". Esse título de concessão foi lavrado aos 16.4.1924, estando registrado no livro 13, fls. 294, da Diretoria de Terras de Santa Catarina.

Segundo tradição oral, os três primeiros moradores de Vila Oeste foram: Angelo Longhi, Henrique José Sachetto e Felisberto Santuare, entre março e setembro de 1940, trazidos pela empresa colonizadora já referida, cujos primeiros sócios foram o Cel. Manuel dos Passos Maia, Alberto Dalcanalle, Gaston Luiz Benetti, Dionysio De Carli, Reynaldo de Carli e Willy Barth. Todos moravam em Caxias do Sul, à exceção de Alberto Dalcanalle, que, então, morava em Cruzeiro, hoje Joaçaba (SC).

O Território Federal do Iguacu foi criado pelo Decreto-Lei n.º 5.812, de 13.9.1943, com população de 166.000 habitantes e capital em Foz do Iguacu. O primeiro governador foi o Major João Garcês do Nascimento, que tomou posse aos 16.1.1944.

Eis São Miguel do Oeste (SC), terra dos quintuplos famosos e da Miss Santa Catarina de 1983, Jenny Bock.

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

REFERÊNCIAS

1. — Prefeitura Municipal de São Miguel do Oeste, Informações relativas ao Município, 1982;
2. — Associação Comercial e Industrial de São Miguel do Oeste, Informativo, 1984;
3. — Jussara Silvestrin e Sirlei S. Dalmagro, São Miguel do Oeste, dissertação para obtenção de Licenciatura Plena de História na Universidade de Passo Fundo, janeiro de 1977;
4. — Registro de Imóveis da Comarca de Palmas (PR);
5. — Registro de Imóveis da Comarca de Chapecó (SC);
6. Registro de Imóveis da Comarca de São Miguel do Oeste (SC);
7. — Visconde Taunay, Céus e Terras do Brasil, Melhoramentos, 1948;
8. Walter F. Piazza, Santa Catarina: sua História, Ed. UFSC, 1983;
9. — J. A. Lins e Barros, Memórias de Um Revolucionário, pág. 73;
10. — Museu Histórico "Antônio Granemann de Sousa", Curitiba (SC), autos da Ação Originária n.º 7 entre SC e o PR;
11. — Folha da Tarde, edição de 18.7.1983;
12. — Prefeitura Municipal de São Miguel do Oeste, Aspectos Fisiográficos, Culturais, Demográficos, Econômicos e de Saúde, sem data;
13. — O Estado, edição de 20.9.83;
14. — Diário da Manhã, Chapecó, 1.º.9.83;
15. — Atilia Tolentino de Souza Vieira, carta publicada em O Estado, ed. de 10.9.83;
16. — O Estado, Florianópolis, edição de 18.9.83;
17. — A Voz da Fronteira de 27.7.69;
18. — Lourenço Moreira Lima, A Coluna Prestes, pág. 597;
19. — Hélio Silva, A Grande Marcha, pág. 45;
20. — Jorge Amado, Vida de Luiz Carlos Prestes, pág. 118;
21. — Abguar Bastos, Prestes e a Revolução Social, pág. 137;
22. — Leopoldo Nery da Fonseca, Fronteiras do Sector Sul, Tip. do Jornal do Commercio, Rio, 1937;
23. — A Voz da Fronteira n.º 8, de 14.9.1958;
24. — Cleto da Silva, Acordo Paraná-Santa Catarina ou o Contestado diante das Carabinas, Curitiba, Emp. Gráf. Paranaense, 1920;
25. — Romário Martins, Litígio Territorial entre Paraná e Santa Catarina, Rio, 1911;
26. — Romário Martins, Lages, Histórico de sua fundação até 1821, Curitiba, 1910;
27. — Barão do Rio Branco, Questão de Limites entre o Brasil e a República Argentina, Rio, 1945;
28. — Crispim Mira, Confrontação Republicana, Rio, 1918;
29. — Comarca de Joinville (SC), autos de inventário dos bens de Alberto Dalcanale, 1980, 2.ª Vara Cível;
30. — Revista "Em Tempo", n.ºs 1 a 10, São Miguel do Oeste (SC);
31. — Pesquisas de campo, informações verbais e outras fontes.

BLUMENAU

Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana" de PAUL SINGER

(Continuação do número anterior).

Como vimos, ao longo de toda exposição, desenvolveu-se a indústria de Blumenau principalmente em função do mercado local, entendido este como sendo o Vale do Itajaí e, em certos casos, a zona de colonização europeia do Estado. Podemos distinguir nesta evolução diferentes etapas. Ultrapassada a do artesanato (1850-1880), se inicia a da **pequena indústria** (1880-1914). Na medida em que as empresas se desenvolvem, no entanto, elas começam a procurar economias de escala, lançando os olhos para o mercado nacional. Como já vimos, foi em 1900, ainda em plena etapa de pequena indústria, que a empresa Hering envia seu primeiro agente para fora do Estado (Porto Alegre), transformando-se pouco a pouco em grande indústria. Outras empresas seguem o seu exemplo, embora não possamos precisar as datas em que o fizeram. Tudo leva a crer que o período da Primeira Guerra (1914/18) e a década seguinte constituem um período de transição, ao cabo do qual, um número apreciável de empresas de Blumenau não somente passa a abastecer o mercado nacional como vêm nele o **alvo principal de sua atividade produtiva**. Inicia-se deste modo o que denominamos de etapa da **grande indústria**, que prossegue até agora. Nesta etapa a expansão das empresas adquire nova dimensão, pois ela se integra no processo de industrialização do país.

É importante observar que a indústria de Blumenau não concorre, via de regra, com a de São Paulo e do Rio. As empresas que atingem o estágio de "grande indústria", possuindo participação ponderável no mercado nacional, são as que desempenham papel pioneiro em ramos virgens ou quase virgens no Brasil. As tecelagens de Blumenau não se dedicam à produção de panos de algodão comuns, mas fabricam guarnições de cama e mesa e de banho (felpudos), de alta qualidade, gases medicinais, etc.; as malharias se especializaram em alguns artigos de vestuário masculino (camisas de meia, pijamas, camisas de inverno, etc.); Blumenau possui a primeira fábrica de gaitas da América do Sul e uma das poucas fábricas de porcelana fina do Brasil.

A condição de sucesso da penetração no mercado nacional parece ter sido "abrir" mercados com estrutura monopolística ou oligopolística (oferta concentrada em uma ou poucas empresas). Uma vez firmado o prestígio da marca ou da procedência, uma área do mercado — dos produtos mais caros e de melhor qualidade e prestígio — ficava reservada à indústria de Blumenau. As indústrias que palmilhavam caminhos já devassados tiveram geralmente que se contentar com o mercado local e algumas mesmo, como foi o caso de uma fábrica de fósforos e das cervejarias, tiveram que ceder à concorrência dos grandes consórcios nacionais com sede no Rio ou em São Paulo. Isto

lança certa luz sobre as possibilidades de surgimento de novos centros industriais de importância nacional, depois que a industrialização já se encontra bem avançada. Estas possibilidades são muito escassas, pois o número de ramos virgens é cada vez menor. Blumenau, tendo iniciado sua industrialização bastante cedo, pôde aproveitar várias oportunidades então existentes.

Em 1934 o município de Blumenau foi desmembrado em 6 outros. O município-sede, Blumenau, ficou com sua área reduzida a 1.160 km². Em virtude disto seu caráter industrial tornou-se mais nítido. Segundo o Censo de 1940, Blumenau possuía 41.178 habitantes, dos quais 15.352 constituíam a população ativa. Destes últimos 7.416, ou seja, 48,4%, dedicavam-se à agricultura, pecuária, etc.; 4.186, ou seja, 27,4% à indústria de transformação, e 1.051, ou seja, 6,9%, ao comércio de mercadorias. É interessante verificar que, segundo o Censo de 1920, havia no Blumenau de mais 10.000 km² apenas 1.481 trabalhadores industriais. 20 anos depois, no Blumenau de pouco mais de 1.000 km² havia 4.186, ou seja, 165% mais. Isto atesta o intenso desenvolvimento industrial de Blumenau no período de entre-guerras.

Durante a 2.^a Guerra Mundial (1939/45), muitas firmas se ampliaram e surgiram novos ramos importantes, como a indústria de óleo de sassafrás. A exportação de madeira para os países platinos tomou vulto e o número de serrarias se multiplicou, principalmente em Rio do Sul e Ibirama (municípios outrora pertencentes a Blumenau).

Em 1949 houve novo desmembramento de Blumenau, surgindo o município de Massaranduba (atual Guaramirim). Com este desmembramento acentua-se o caráter urbano e industrial de Blumenau. Apesar de não serem estritamente comparáveis, por isto, revelam os Censos de 1940 e de 1950 o intenso desenvolvimento industrial que ocorreu em Blumenau, como coroamento dos processos acima analisados:

TABELA X

População ativa de Blumenau em 1940 e 1950

	1940	1950
População total	41.178	48.108
População ativa	15.352	19.391
Ramos		
Agricultura e pecuária	7.416 (48,4%)	3.916 (20,4%)
Indústria de transformação	4.186 (27,4%)	7.809 (40,6%)
Comércio de mercadorias	1.051 (6,9%)	1.452 (7,6%)
Serviços	850 (5,5%)	2.480 (12,9%)

Fontes: Censos de 1940 e 1950.

A urbanização de Blumenau avança nos anos quarenta a passos largos. A população que se dedica à agricultura cai de quase a

metade, em 1940, a um quinto da população ativa, em 1950. Os que trabalhavam na indústria de transformação passam, em 1950, a representar 40% da população ativa, e o seu número aumenta de 87% em 10 anos. Notável como índice de urbanização é a elevação do número dos que se dedicam a serviços, que, em 10 anos cresce de 192%.

Um outro aspecto deste acentuado predomínio industrial que se estabelece na década em questão é que as exportações de Blumenau serão sobretudo de produtos manufaturados. Em 1946, num total de Cr\$ 212.916.857,20 exportados, os artefatos de tecidos representam Cr\$ 106.722.423,00 (50%), os metalúrgicos e ferramentas agrícolas Cr\$ 19.843.555,00 (9%), as malharias, roupas feitas e chapéus Cr\$ 46.157.873,20 (21%). Só estes 3 itens industriais representam 80% das exportações de Blumenau! É preciso salientar que, depois do desmembramento do município, as exportações de Blumenau exprimem em boa parte as relações da cidade com seu *hinterland* agrícola, ou seja, de Blumenau com o mercado local. O valor da produção industrial de Blumenau, em 1946, foi de 233,3 milhões de cruzeiros, dos quais pelo menos 172,7 milhões, isto é, 74% foram exportados.

Do mesmo modo mostra a composição das importações a estrutura industrial da economia blumenauense. De um total de Cr\$ 118.108.471,20 importados, nada menos que 53,6 milhões são constituídos de matérias-primas para a indústria (algodão em rama 22,2 milhões, drogas e tintas 3,9 milhões e outras 27,5 milhões), que representam 45% do total. O resto é constituído por 35 milhões de manufaturas e 11,5 milhões de gêneros alimentícios, bebidas, etc., além de 17,9 milhões de outros produtos.

Cem anos depois de fundada, portanto, converte-se Blumenau num centro essencialmente industrial e urbano.

VII — Blumenau no presente e no futuro

Durante a década de 50, a expansão industrial de Blumenau prossegue em ritmo intenso. O valor da produção industrial de Santa Catarina passa de 2.655,8 milhões, em 1949, para 15.079 milhões em 1958, isto é, se multiplica por 5,9, ao passo que o de Blumenau cresce de 328,3 milhões em 1949 para 2.651,8 milhões em 1958, multiplicando-se portanto por 8,1. Como se vê, intensifica-se a industrialização de Blumenau mais que a do Estado. A produção industrial de Blumenau representa 12,4% da de Santa Catarina em 1949 e 16,9% em 1958.

Examinemos a posição de Blumenau no panorama industrial do Estado. Em Santa Catarina só há outro centro industrial capaz de rivalizar com Blumenau: Joinville. Em 1958 a posição de ambas era a seguinte:

MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

TABELA XI

Indústria em Blumenau e Joinville (1958)

BLUMENAU				JOINVILLE			
Indústria	Estabelec.	Pessoal	Prod. (Cr\$ 1,000)	Estab.	Pessoal	Prod. (Cr\$ 1,000)	
1. Têxtil	21	5.273	1.110.400	23	1.954	417.600	
2. Alimentos	16	580	411.900	25	618	513.900	
3. Metalurgia	10	548	177.000	12	1.733	443.200	
4. Fumo	3	343	334.000	—	—	*	
5. Quím. e farm.	—	—	*	11	505	196.900	
6. Madeira	12	310	51.700	—	—	*	
7. Material elét.	—	—	*	3	421	175.800	
8. Mecânica	—	—	*	8	636	116.200	
9. Mat. transp.	—	—	*	7	412	105.000	
Total (**)	113	10.727	2.651.800	170	8.496	2.445.900	

Observações: (*) Valor inferior a 50 milhões de cruzeiros

(**) Inclusive outros ramos

Fonte: Produção Industrial Brasileira, 1958, IBGE.

A primeira coisa que se nota na Tabela XI, é que, ao lado de ligeira superioridade de Blumenau em pessoal ocupado e valor da produção, a estrutura industrial das duas cidades é completamente diferente. A indústria de Blumenau se concentra em boa proporção num só ramo — o têxtil — que engloba 42% do valor da produção total. De uma forma geral, pode-se dizer que quase toda indústria blumenauense se dedica à fabricação de **bens de consumo**. É o caso dos 3 ramos mais importantes: têxtil, alimentos e fumo, que, em conjunto, representam 70% do valor da produção industrial do município. O único ramo importante que representa indústria pesada — a metalurgia — não contribuiu com mais do que 7% para o produto total.

Já a estrutura industrial de Joinville é bem outra. Em primeiro lugar é muito mais diversificada. Nenhum ramo representa mais que 21% do valor da produção total. Em segundo lugar a indústria pesada tem posição bem destacada:

Metalurgia	—	18,1% do valor da produção total
Química e farmacêutica	—	8,0% do valor da produção total
Material elétrico	—	7,2% do valor da produção total
Material de transporte	—	4,3% do valor da produção total
Mecânica	—	4,8% do valor da produção total

estes ramos representam, em seu conjunto, 42,4% do valor de toda produção industrial do município.

A fase mais recente da industrialização brasileira, que se abre

em 1955 mais ou menos, se caracteriza pela expansão da indústria pesada. Nas décadas anteriores adquiriu o país uma indústria bastante completa de bens de consumo, a qual se constitui, por sua vez, em mercado para indústria pesada, que fabrica bens de produção. O estabelecimento da indústria automobilística e de construção naval, a expansão da siderurgia, o início da petroquímica, a diversificação da indústria de máquinas e equipamento industrial, etc. marcam a nova fase do desenvolvimento econômico, pela qual estamos passando.

Considerando-se este fato, é imperioso concluir que Joinville possui um parque industrial melhor adaptado à evolução geral da indústria brasileira que Blumenau. Se a tendência até o momento prosseguir, Joinville se tornará, com o tempo, o centro de indústria pesada de Santa Catarina, ao passo que Blumenau, juntamente com Brusque, será o centro de indústria leve, com possibilidades de expansão relativamente mais limitadas.

Um outro fator que constitui também vantagem relativa de Joinville é o fornecimento de energia elétrica: em 1960, a Zona de São Francisco do Sul, cujo centro é Joinville, tinha uma potência instalada de 21.080 kW com um consumo de 462,9 kWh/habitante, ao passo que a Zona do Itajaí possuía 18.593 kW instalados, com um consumo de 204,9 kWh/habitante. Aliás a deficiência de energia elétrica é um dos obstáculos mais graves ao desenvolvimento de Blumenau. Desde 1959 ela está racionada. Em 1950, o potencial instalado no Vale do Itajaí era de apenas 13.000 kW. Em 10 anos houve um acréscimo de 50% (18.593 kW). No presente ano (1963) deve ter entrado em funcionamento a 1.^a fase da Usina de Palmeira, com 17.000 kW, duplicando o potencial instalado, o que deverá desafogar a procura reprimida, permitindo um surto industrial mais intenso em Blumenau. Mesmo assim haverá ainda escassez de energia elétrica, pois calculava-se em 15.000 kW o total de geradores **particulares** instalados (equipamentos motor diesel-gerador, produzindo energia a custos elevados). Quando o Usina de Palmeira estiver funcionando (o que já deve ter acontecido), boa parte deste equipamento será retirado, o que reduzirá o total a algo como 40.000 kW, quando se prevê que a demanda em 1965 exigirá um potencial instalado de 52.861 kW.

Em 1962, o governo estadual desapropriou a maioria das ações da Empresa Força e Luz Santa Catarina S/A, que serve o Vale do Itajaí, e a integrou num plano estadual de eletrificação, que prevê a interligação dos sistemas de distribuição de energia do Estado e reforço geral do sistema conjunto pela instalação de uma usina termoeletrica (SOTELCA), que em sua 1.^a fase terá 62.500 kW instalados para 1963/64. Somente com a realização destes planos é que o problema da energia elétrica deixará de constituir ponto de estrangulamento para o desenvolvimento industrial de Blumenau.

(Continua)

E. A. V. CATARINENSE Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Alonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Rolf Ehlke* — *Nestor Seára Heusi* — *Ingo Wolfgang Hering* — *Martinho Bruning* — *Urda Alice Klueger* — *Frederico Blaul* — *Frederico Kilian* — *Olivo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM, ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA